

UNIVERSIDADES

www.jornaleconomico.pt

Boletim de informação académica

ESTRATÉGIA

Lusíada investe 12 milhões em novo 'campus' do Porto

O próximo ano letivo 2021/22 iniciar-se-á já no novo edifício que está praticamente concluído, revela-nos João Redondo, Chanceler das Universidades Lusíada. A aposta é na qualidade da Universidade, do seu ensino e investigação, salienta.

Almerinda Romeira
aromeira@jornaleconomico.pt

O acontecimento do ano nas Universidades Lusíada, no ensino superior português e na cidade Invicta é a inauguração do novo 'campus' da Universidade Lusíada - Norte (Porto). João Redondo, Chanceler das Universidades Lusíada, revelou ao JE Universidades que o ano letivo 2021/22 arrancará já nas novas instalações, que representam um investimento de 12 milhões de euros. O 'campus', cujo edifício está já praticamente de pé, é uma ambição antiga que agora se concretiza e traduz, segundo o Chanceler, uma aposta estratégica na qualidade do que se pretende seja a instituição da Fundação Minerva em Portugal.

"A grande aposta é sempre na melhoria da qualidade da instituição e dos serviços que prestamos, quer em termos de desenvolvimento científico e pedagógico, quer em termos de prestação de serviço à comunidade. Acima de tudo, o que se privilegia é a qualidade da Universidade, que advém não apenas do seu corpo docente, mas de tudo o que um 'campus' deve proporcionar em termos de qualidade de vida a quem lá estuda e trabalha", explica João Redondo.

A ideia, acrescenta, "é termos os estudantes a trabalhar permanentemente na universidade, nas bibliotecas, nos laboratórios, nos centros de investigação, a terem um papel mais ativo na sua própria formação, como se pretendia quando se lançou a ideia de Bolonha". Trabalho mais autónomo, desenvolvido com o apoio da instituição, através da criação de



condições para que o aluno permaneça na escola. "É aí que se desenvolvem ideias, que se desenvolve trabalho, que se criam hábitos de trabalho em equipa, práticas que se estão a perder hoje em dia".

Constituído por um conjunto de edifícios com elevados padrões arquitectónicos e de construção, o 'campus' da Universidade Lusíada - Norte (Porto) ergue-se num terreno de dois hectares junto do Parque da Cidade e da Fundação Serralves, na freguesia de Aldoar, uma das zonas mais centrais da Invicta. O projeto, da autoria do arquiteto José Godinho, foi pensado numa ótica de sustentabilidade, que começa no posicionamento físico da infraestrutura e nos painéis solares que a equipam. Também incorpora instalações para os centros de investi-

gação que estão em funcionamento na Lusíada, o que lhes permitirá alojarem-se de forma diferente e trabalhar de forma mais eficiente.

João Redondo diz que haverá alguma margem para crescer, mas o objetivo não é duplicar os alunos. "Sabemos que não há no país condições para que uma instituição de en-

sino superior cresça desmesuradamente", justifica.

Fundada em 1986, a Lusíada, instituição parceira do Santander, com o qual desenvolve vários projectos, tem centros universitários em Lisboa e Porto e um polo universitário essencialmente tecnológico na cidade de Vila Nova de Famalicão. "Podemos dizer que estamos à altura do melhor que se faz em Portugal e isso também é legível pelo nível de procura que a instituição tem, desde logo, estudantes com classificações elevadas que têm sido cada vez em maior número em Lisboa e no Norte". O trunfo são as chamadas bolsas de mérito, que permitem estudar por um valor apenas uns poezinhos acima das propinas que se praticam no ensino superior público. ■



JOÃO REDONDO
Chanceler das Universidades Lusíada

ÍNDICE

2 Opinião
António Marques Fernandes explica como o Politécnico de Castelo Branco está a preparar o futuro

3 Apoios
Parceiras do Santander receberam mais de 2 milhões para ajudar a mitigar o impacto da Covid

4 Entrevista
Rogério Colaço, Presidente do Instituto Técnico, defende maior autonomia para o ensino superior



6 Mecenato
Como ganhar uma bolsa para estudar em Portugal e lá fora ou melhorar competências

7 Inovação
Alunos do IST criam soluções tecnológicas para a banca que poderão vir a ser aplicadas noutros sectores

8 Programação
Primeiro curso da Escola 42 arranca em fevereiro com um médico 'a bordo'

OPINIÃO



ANTÓNIO MARQUES FERNANDES
Presidente do Politécnico de Castelo Branco

Preparando o futuro

A formação académica é um determinante (positivo) do desenvolvimento cultural, social, científico e económico. A maiores níveis educacionais correspondem, em regra, melhores perspetivas de competitividade e crescimento. O papel do ensino superior politécnico nos territórios, pela rede existente e pelo seu contributo no desenvolvimento equilibrado e sustentado das regiões, é fundamental.

A melhoria do nível de qualificação dos jovens e menos jovens, a intensificação da investigação científica e do nível tecnológico da economia regional, com reflexos na inovação empresarial e no reforço da empregabilidade em sectores especializados, a capacidade de promoção da equidade social, conseguida com a oportunidade de acesso à qualificação dada a tantos jovens, e a reconhecida consolidação do percurso de internacionalização, são, entre outros, exemplos concretos e marcantes que conferem aos politécnicos protagonismo enquanto agentes construtores de desenvolvimento social e económico sustentável. Acresce a atividade formativa, científica, tecnológica, cultural e de investigação realizada. Reforçar a ligação ao tecido empresarial e institucional deverá constituir-se como uma importante orientação estratégica, sendo essencial apostar em iniciativas conjuntas com os diferentes atores, promotoras de uma maior dinâmica de atração, captação e fixação de jovens e técnicos qualificados nas regiões. Ao comemorar o seu 40.º aniversário, o Politécnico de Castelo Branco mantém como principal desafio e oportunidade, a constante adaptação aos estímulos resultantes do contexto em permanente mudança. E o IPCB tem conseguido adaptar-se e afirmar-se. Entre outros, quatro aspetos principais permitem sublinhar essa afirmação. No quadro da crise sanitária sem precedentes que atravessamos, o IPCB demonstrou capacidade na adaptação e transformação digital que permitiu, com sucesso, o funcionamento contínuo da sua atividade nas diferentes valências. Demonstrou, igualmente, capacidade no regresso ao desejado modelo de ensino presencial, adotando medidas amplamente divulgadas, compreendidas e cumpridas por toda a comunidade. O contributo do IPCB ao nível do alargamento da base social para a produção e difusão do conhecimento é outro aspeto que merece referência. Nos últimos dois anos, é indiscutível a crescente notoriedade da Instituição, no contexto regional, nacional e internacional, tanto ao nível da investigação como do aumento constante de estudantes, nacionais e internacionais, e nos diferentes níveis de formação. A par do crescimento do número total de estudantes, a diversificação de formações em cooperação com entidades empresariais e institucionais é um exemplo concreto da capacidade do IPCB para evoluir e estar na linha da frente. Têm particular destaque as atividades de formação, investigação e desenvolvimento baseadas na experiência e focadas na inovação em diferentes setores de atividade. A par destes resultados positivos, o equilíbrio financeiro do IPCB recentemente alcançado é motivo de orgulho para toda a academia. Por último, o Conselho Geral do IPCB aprovou, recentemente, por uma maioria superior a 2/3 dos seus conselheiros, uma proposta de reestruturação organizacional que visa a constituição de nove departamentos transversais a toda a instituição e a associação dos mesmos em quatro novas Escolas. É um processo de transformação organizacional que alicerça a Instituição para o futuro. É um processo exigente, que obriga à mobilização coletiva, numa responsabilidade onde ninguém fica de fora e onde todos devem ser capazes de unir vontades, ambições e recursos. ■

A par do crescimento do número total de estudantes, a diversificação de formações em cooperação com entidades empresariais e institucionais é um exemplo concreto da capacidade do IPCB para evoluir e estar na linha da frente. Têm particular destaque as atividades de formação, investigação e desenvolvimento baseadas na experiência e focadas na inovação em diferentes setores de atividade. A par destes resultados positivos, o equilíbrio financeiro do IPCB recentemente alcançado é motivo de orgulho para toda a academia. Por último, o Conselho Geral do IPCB aprovou, recentemente, por uma maioria superior a 2/3 dos seus conselheiros, uma proposta de reestruturação organizacional que visa a constituição de nove departamentos transversais a toda a instituição e a associação dos mesmos em quatro novas Escolas. É um processo de transformação organizacional que alicerça a Instituição para o futuro. É um processo exigente, que obriga à mobilização coletiva, numa responsabilidade onde ninguém fica de fora e onde todos devem ser capazes de unir vontades, ambições e recursos. ■

o futuro. É um processo exigente, que obriga à mobilização coletiva, numa responsabilidade onde ninguém fica de fora e onde todos devem ser capazes de unir vontades, ambições e recursos. ■

o futuro. É um processo exigente, que obriga à mobilização coletiva, numa responsabilidade onde ninguém fica de fora e onde todos devem ser capazes de unir vontades, ambições e recursos. ■

o futuro. É um processo exigente, que obriga à mobilização coletiva, numa responsabilidade onde ninguém fica de fora e onde todos devem ser capazes de unir vontades, ambições e recursos. ■



APOIOS

Mais de dois milhões para mitigar o impacto da Covid

Santander desbloqueou no início da pandemia metade das verbas de Mecenato para que universidades e politécnicos pudessem apoiar estudantes e projetos. Situações de emergência económica foram prioridade.

Almerinda Romeira
aromeira@jornaleconomico.pt

Sem deixar de atender às dificuldades do presente, o Reitor da Universidade de Coimbra foca a atenção no futuro. “Temos que perceber o que está a acontecer e o que pode acontecer a seguir a esta crise”, afirmou Amílcar Falcão no arranque do concurso de financiamento de projetos de investigação interdisciplinar para a era pós-pandemia. As Bolsas Semente de Investigação, lançadas em parceria com o Santander Universidades, foi uma das armas usadas no combate à pandemia e suas consequências pela Universidade de Coimbra, que, no elenco das prioridades, colocou as suas cinco áreas estratégicas: Saúde; Clima, Energia e Mobilidade; Recursos naturais, Agroalimentar e Ambiente; Digital, Indústria e Espaço; e Património, Cultura e Sociedade inclusiva. “Com apoios de 20 mil euros por projeto, para que no *day after* consigamos ter preparados projetos que respondam às necessidades da sociedade”, explicou o reitor, em junho.

Mal eclodiu a crise em Portugal, provocada pelo novo coronavírus originário de Wuhan, na China, a reação foi imediata. O Santander abriu os cordões à bolsa e as Instituições de Ensino Superior parceiras começaram a disponibilizar apoio a estudantes e famílias. Os alunos que se encontravam em situação de emergência económica foram colocados no topo das prioridades e foi mobilizada uma verba inicial de 1,5 milhões de euros, que acabou por ser em muito ultrapassada.

A resposta à pandemia incluiu medidas como a aquisição de computadores e equipamento informático, permitindo que alunos pudessem ter acesso ao ensino a distância e que funcionários das instituições recorressem ao teletrabalho. Com as aulas presenciais suspensas desde o início de março e a crise sanitária a agravar-se, a academia ‘reconverteu-se’, adaptando laboratórios à produção de testes e utilizando impressoras 3D para a produção de equipamento de proteção para o pessoal de saúde que à época rareavam no mercado. As verbas do Santander ajudaram a intensificar o combate à Covid-19 por essa via, contribuindo, de igual modo, para outras iniciativas levadas a cabo pelas IES, como a disponibilização de infraestruturas para hospitais de campanha, acolhimento de doentes e alojamento para funcionários de saúde em residências universitárias.

O banco criou adicionalmente um fundo, cujas verbas foram imediatamente libertadas, para acelerar projetos de impacto social desenvolvidos por voluntários universitários. O Prémio Santander UNI.COVID, recebeu 340 candidaturas e distinguiu 14 ideias ou iniciativas.

DAS PROPINAS AO ALOJAMENTO

A resposta do Santander à Covid, apresentada no início de abril, in-

cluía a atribuição, a partir de setembro, de 1.000 Bolsas de Apoio Social. Mas dava margem a cada universidade e politécnico para adotar medidas, tendo em conta as necessidades mais importantes das cidades onde estão inseridas.

As Bolsas Semente de Investigação da Universidade de Coimbra são apenas um exemplo em muitos da forma como as 50 parceiras do Santander Universidades decidiram fazer uso das verbas, neste ano disruptivo. Outra parceira, a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, anunciava em finais de agosto, a segunda fase de um programa especial para estudantes de licenciatura e mestrado em situação de fragilidade económica em consequência da situação epidemiológica, cujas verbas permitiam aos alunos pagar propinas em dívida.

Em outubro teve início o ano letivo 2020/21. Com máscara obrigatória e distanciamento social como requisito, as aulas presenciais arrancam agora para o segundo período. A encerrar a última página do calendário de 2020, a Universidade de Coimbra lançou uma nova *call* para o Apoio Social Pontual. Este apoio suplementar, em forma de prestação única, atribuído a fundo perdido, pode ser usado para comprar comida, pagar a renda de casa, ou custear despesas de saúde. Em suma, responder a uma emergência prioritária. Na mais antiga universidade do país, cerca de dois terços do total de 25 mil alunos são deslocados. Não por acaso, estar deslocado, possuindo, em período letivo, uma morada diferente da do domicílio familiar constituía condição indispensável para aceder ao Apoio Social Pontual Santander-UC, cuja candidatura encerrou a 31 de dezembro.

Era importante “ir além das obrigações do dia a dia” e do estatuto de “banco responsável”, afirmou Pedro Castro Almeida, presidente executivo do Santander Portugal, na sessão evocativa do Dia Internacional do Voluntariado, que em 2020 teve formato digital devido à pandemia. O gestor revelou que, ao abrigo do programa de emergência, ainda em abril, o banco desbloqueou cerca de metade das verbas do Mecenate para as instituições de ensino superior apoiarem projetos, o que se traduziu na disponibilização de cerca de 2,2 milhões de euros. “No nosso foco estavam claramente as pessoas”, salientou Pedro Castro Almeida. ■

A RESPOSTA À PANDEMIA INCLUIU MEDIDAS COMO A AQUISIÇÃO DE COMPUTADORES QUE PERMITIRAM A ALGUNS ALUNOS ACEDER AO ENSINO À DISTÂNCIA

TENDÊNCIAS

O que muda no voluntariado universitário com a pandemia

O voluntariado está a crescer entre os universitários em Portugal, mas os processos podem ser melhorados. Usar a inteligência coletiva é o trunfo, disse Rita de Jesus, Vice-Presidente da Direção-Geral da Associação Académica de Coimbra, no Dia Internacional do Voluntariado, comemorado anualmente pelo banco com o anúncio dos vencedores do Prémio de Voluntariado Universitário. “Perceber em que é que cada um pode contribuir é algo que efetivamente pode ser fomentado para podermos chegar às pessoas com maior capacidade e efetivamente resolvermos os problemas”, justificou a aluna no debate moderado pela responsável do Mecenate do Santander Universidades, Cristina Dias Neves.

Pedro Gustavo, outro nome emblemático do voluntariado universitário, não só concordou, como tornou a ideia mais visual. “Uma coisa é apagar o fogo, outra, evitar que ele volte a aparecer”, disse, acrescentando que o espírito de colaboração e de cooperação entre as várias entidades deve ser fomentado de forma a proporcionar soluções mais eficazes.

Num outro palco desta sessão, que este ano foi digital devido à pandemia, José Castro Lopes, pró-reitor da Universidade do Porto, disse que a Covid-19 encurtou, de forma significativa, o tempo de montagem de um projeto. “O que habitualmente nos demorava cerca de meio ano foi realizado em cerca de duas semanas”. Tal como aconteceu com o desenvolvimento da vacina, também neste campo “não foram ultrapassados passos”, apenas foram dados “de forma muito mais rápida”.

A montagem de um projeto é um processo estruturado, envolvendo três etapas – conceção, planificação e execução. Amanhã, em circunstâncias normais, talvez não seja possível idealizar e colocar um projeto no terreno em apenas 15 dias, como durante a emergência da pandemia, mas com boa dose de probabilidade, também não se voltarão aos seis meses de antes, salientou José Castro Lopes. “Em todas as crises há sempre lições a aprender e resultados positivos a tirar”. ■

OPINIÃO



PEDRO CASTRO E ALMEIDA
Presidente Executivo do Santander

De braço dado com as Universidades

O ano de 2020 fica inevitavelmente marcado pela pandemia do Covid 19. Desde o início ficou claro que esta não seria uma crise igual às outras e que seria necessário não perdermos de vista o propósito do Banco Santander – apoiar as famílias e as empresas de Portugal. Incluído neste propósito, está naturalmente a nossa vocação para ajudar, no âmbito da nossa política de responsabilidade social, quem mais precisou e precisa nesta crise.

Nesse sentido, não deixamos de ser uma frente de apoio às famílias e empresas nossas clientes, concedendo moratórias de créditos, antecipando pagamento aos nossos fornecedores e contribuindo para que o Sistema Nacional de Saúde tivesse disponíveis os equipamentos necessários para combater a pandemia.

Contámos com os colaboradores do Banco Santander, que mostraram novamente ser uma grande equipa e pronta a abraçar o nosso propósito inequivocamente. Uns a trabalhar remotamente, outros na linha da frente junto ao público, todos foram fundamentais para que nunca faltássemos aos nossos clientes. Numa altura em que pairava sobre os portugueses uma enorme incerteza, o Santander continuou a ser um pilar de segurança para cada pessoa e para cada empresa que confia em nós.

Ao nível voluntariado, que se já tinha uma importância única, foi fundamental em 2020, procuramos dar o devido destaque a todos os que se empenharam em tornar, junto dos mais vulneráveis, menos penoso o impacto da crise sanitária, económica e social, apoiando-os adequadamente. Também olhámos para quem podia colaborar neste esforço e logo encontrámos as Instituições de Ensino Superior, nossas parceiras de há muitos anos, às quais oferecemos a nossa disponibilidade para ajudar nas múltiplas iniciativas solidárias, que na sua esfera e com diferentes objetivos, nasceram em gestos espontâneos de altruísmo de membros da comunidade académica.

Logo em abril, o Banco, através do Santander Universidades, para além das bolsas que continuámos a promover para todos os estudantes – que este ano atingiram mais de 2000 bolsas –, estabeleceu um programa de emergência com o objetivo de atender às necessidades de toda a comunidade académica, bem como para potenciar as capacidades das Instituições de Ensino Superior (IES) numa resposta assertiva a esta crise. Para realizar este programa, o Santander e 38 IES parceiras concordaram em retribuir parte das verbas previstas nos contratos de mecenate para 2020, para combater a crise pandémica e suas consequências sociais.

No final de um rápido processo, 50% do total das verbas anuais destinadas a mecenate foram disponibilizadas às IES, para financiar projetos de intervenção social. O empenho do banco superou os 2,2 milhões de euros para esta ação imediata no apoio ao arranque de projetos solidários por todo o país.

Foi também na sequência deste processo que criámos o Prémio Santander UNI.COVID-19, - para o qual recebemos 335 candidaturas em apenas seis semanas - entre tantos outros projetos que abraçámos em 2020 com o objetivo de distinguir e apoiar projetos e ideias que contribuem para responder à situação de emergência provocada pela Covid-19.

Hoje é mais um dia para relembrar e destacar o empenho voluntário e solidário que tornaram e tornam menos difícil atravessar este tempo de turbulência a milhares de pessoas.

A todos os jovens universitários e às Universidades e Institutos Politécnicos que são os nossos interlocutores privilegiados, o meu “Muito Obrigado” em nome de todos os colaboradores do Banco Santander.

Podem estar certos de que, do esforço de todos, nasceram certezas em tempo de incertezas. Vamos continuar em 2021, no ano que agora começa, com mais esperança no futuro e sempre de braço dado com as universidades.

ENTREVISTA ROGÉRIO COLAÇO Presidente do Instituto Superior Técnico

“É necessária mais autonomia”

Rogério Colaço orgulha-se do percurso do ensino superior português nos últimos 30 anos, mas alerta para a diferença de orçamentos das nossas instituições face às congéneres estrangeiras. “É preciso olhar para o financiamento e para as regras que nos impedem de avançar”, afirma nesta entrevista em que confessa sonhar com um Nobel nascido no Técnico.

Almerinda Romeira
aromeira@jornaleconomico.pt

Tem uma vida dedicada ao Instituto Superior Técnico, onde estudou e ensina. Em 2 de janeiro de 2020 tomou posse como presidente. Dois meses depois, as aulas passaram a ser à distância, devido à Covid-19.

Há quantos anos sobe a escadaria em frente à Alameda D. Afonso Henriques?

Desde o dia 2 ou 3 de setembro de 1986. A primeira vez que cá vim foi para pedir os papéis para me matricular. Apanhei o metro até à Alameda e depois fui ver um filme do Woody Allen ali ao lado, no cinema Londres, hoje uma loja de roupas, chamado “Uma Comédia Sexual Numa Noite de Verão”.

Durante o lockdown continuou a vir ao Técnico ou geriu-o à distância, tal como as aulas?

Durante esta pandemia nunca deixei de vir ao Técnico. Vim todos os dias. No final de março e em abril cheguei a estar sozinho no Técnico alguns dias. Foi uma sensação de total desolação. Em alguns dias, um espaço que tinha mais de 12.000 pessoas todos os dias, de dia e de noite ficou vazio. No princípio de abril, devido à falta de pessoas, um bando de papagaios invadiu o jardim sul em frente ao meu gabinete. Foram a minha companhia durante vários dias nesses tempos tão estranhos.

Qual o seu ramo da Engenharia?

Engenharia Metalúrgica e de Materiais, o curso chamava-se assim, agora é só Engenharia dos Materiais. Formei-me em 1991, arranji emprego numa fundição, mas passado pouco tempo abriu um concurso para assistente estagiário, soube e concorri. No início dos anos 90, no Técnico e, em geral, nas escolas de engenharia, abriram muitas vagas para assistentes, devido ao grande aumento dos numerus clausus, que permitiu que muitos mais alunos entrassem no ensino superior.

Cumpriu um sonho?

Desde miúdo, a minha ambição, que não sei explicar muito bem porquê, era fazer investigação, descobrir coisas, ser cientista. Andei sempre atrás disso. Por essa razão vim para aqui estudar, sim.

Também há uma escada metafórica que subiu até ao cimo. Alguma vez pensou que poderia vir a ser presidente do Técnico?

Quando tomei a decisão de me candidatar pensei nisso, claro, e preparei-me seriamente para esta responsabilidade, mas nos 32 anos anteriores – tenho 33 anos de casa – não.

Pode traçar-nos um breve retrato do Instituto Superior Técnico?

É a maior escola de ensino superior do país com autonomia administrativa, maior em dimensão e valor absoluto em todos os indicadores e associada a essa dimensão há uma grande complexidade. O Técnico tem 11.532 alunos e à volta de 700 professores e investigadores de carreira, conta 10 departamentos de ensino e investigação, que são unidades académicas e mais de 30 centros de investigação, está inserido na Universidade de Lisboa e tem a gestão de 70 cursos conferentes de grau. Todo este ‘puzzle’ configura uma estrutura em rede e multi-dimensional que tem que bater certo.

Falemos desses desafios.

Quais são os principais?

Para maior compreensão, costumo dividi-los em dois conjuntos: os desafios/constrangimentos, que são aqueles que enfrentamos para que tudo continue a funcionar, e os desafios/ambição, os que gostaríamos de ver concretizados. A nossa missão é contribuir para que ambos sejam ultrapassados com sucesso.

Começando pelo princípio. Qual é o primeiro constrangimento?

É o desafio do financiamento, evidentemente. No Instituto Superior Técnico, como em muitas outras escolas de ensino superior, a dotação do Orçamento do Estado apenas chega para

cobrir 70% dos salários dos seus funcionários, quer isto dizer que o resto dos salários e de tudo sai da capacidade de captação de receitas próprias das instituições.

Mas o salário dos professores não é pago pelo Estado...?

Não. As únicas instituições da Administração Pública onde isso acontece são as universidades e os politécnicos. Nos restantes sectores, da saúde à segurança, os salários da função pública são suportados na íntegra pela dotação do Orçamento do Estado (OE). Quando há, por exemplo, um aumento da função pública, como deverá ocorrer já em 2021, os 70% dos salários dos professores do Técnico que não são cobertos pela dotação do OE têm de ser capazes de encaixar esse aumento. Além de termos que arranjar os restantes 30% do nosso Orçamento, ainda teremos que

arranjar mais o “x” correspondente a esse aumento.

Qual o orçamento anual do Técnico?

Ronda os 100 milhões de euros.

Que fatia é garantida pelo OE?

Do Estado recebemos diretamente 50 milhões. As receitas próprias do Técnico representam, números redondos, 40 milhões de euros e do Centro Tecnológico e Nuclear, laboratório do Estado em Sacavém, integrado no Técnico em 2012, recebemos adicionalmente 8 milhões.

Um pouco antes de eclodir a Covid-19, o Tribunal de Contas (TdC) tinha criticado as universidades por não cumprirem a Lei de Financiamento.

É preciso mudá-la?

O atual modelo de financiamento está definido na Lei de Bases de Financiamento do Ensino Superior de 2003 que, segundo o Tribunal de Contas, não é cumprida desde 2006. O TdC identificou um problema, o ministro reagiu, mas existe, de facto, um problema. Não há racionalidade. Porém, neste momento, seria perigosíssimo se aplicássemos a Lei sem termos em consideração tudo o que mudou nos últimos anos. Atacar o problema passa, em meu entender, sempre pela constituição de um grupo de missão que estude que adaptações há a fazer para que a Lei possa ser aplicada de forma a termos um quadro de financiamento racional.

Qual é o segundo desafio/constrangimento?

É o desafio da autonomia. Existem constrangimentos legislativos que nos são impostos do exterior e que podem não se adequar às atividades que desenvolvemos na academia. Dou-lhe um exemplo que está parcialmente resolvido devido à ação do atual ministro da Ciência e Tecnologia, Manuel Heitor, que excepcionou dos contratos públicos as aquisições para investigação. A contratação pública



“

AS UNIVERSIDADES SÃO AS ÚNICAS INSTITUIÇÕES DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA ONDE OS SALÁRIOS NÃO SÃO SUPORTADOS NA ÍNTEGRA PELA DOTAÇÃO DO ORÇAMENTO DO ESTADO

blica é regulada pelo Código de Contratação Públicos, mas não é a mesma coisa comprar 10 computadores ou 20 para uma repartição de finanças ou para um centro que faz investigação em inteligência artificial. Se formos obrigados a comprar o equipamento “X” ou “Y” com determinadas características, podemos não conseguir desenvolver projectos de investigação, que são diferentes e têm especificidades próprias.

A solução é mais autonomia?

Sim, é necessário dar mais autonomia às instituições de ensino superior. Dou-lhe um exemplo que liga a autonomia à questão do financiamento: como é que as instituições de ensino superior conseguem ir buscar o resto



Deborah Rodrigues/Técnico

CO
RCA
EUROS
AÇÃO

das verbas que lhes permitem assegurar um orçamento que colmate, por exemplo, no caso do Técnico os 30% que faltam para os salários mais tudo o resto...!? É vendendo os seus serviços, a sua qualidade e a sua confiança às empresas, às famílias e aos nossos parceiros. No fundo, o que o Técnico tem para dar é confiança. Confie em nós! Confie-nos o seu filho, que nós formamos-lo bem, confie-nos o seu projeto, que nós desenvolvê-mo-lo. Confie-nos o parecer que precisa, que nós dizemo-lhe como se faz. Essa confiança é o que nos permite captar o resto da receita que nos falta. O Técnico tem que multiplicar duas vezes e meia, cada euro que o Estado cá põe. Se tiver mais autonomia, maior capacidade de

decisão e rapidez de resposta, aumentará as possibilidades de o fazer.

Quanto custa formar um aluno no Instituto Superior Técnico?

Um aluno do Técnico custa cerca de 7.500 euros por ano em formação.

Como é coberto esse valor se as propinas têm vindo a baixar?

As propinas são uma pequeníssima fatia. Baixaram muito nos últimos anos, atualmente estão nos 697 euros. O Orçamento do Estado contribui com 5.000 euros por aluno e os restantes 1.800 são pagos pelo Técnico, o que se multiplica por 11.500 alunos perfaz mais de 16 milhões de euros. De onde vêm?... da nossa capacidade de captação de receitas próprias, de

projectos, de produzir conhecimento, pareceres e ajudar a sociedade, as empresas e os nossos parceiros académicos e científicos.

Quantas empresas fazem parte da vossa rede de parceiros?

Temos cerca de 20 grandes empresas na nossa rede de parceiros. Mas depois, associadas a projetos específicos de desenvolvimento científico e tecnológico, associado aos nossos centros de investigação, unidades e laboratórios, temos várias centenas.

Qual a vossa relação com o Banco Santander? Até onde espera levar essa relação?

Temos uma relação com o Banco Santander de mais de uma década.

Esta parceria assenta numa confiança institucional que tem crescido de forma consolidada ao longo dos anos e que, do caso do IST, nos tem permitido concretizar várias iniciativas que seriam impossíveis sem esse apoio. É uma parceria que prezamos muito e que, estou seguro, irá crescer nos próximos anos.

Falou-me no início nos desafios/ambição? Que explicar?

Há muito trabalho a fazer no ensino superior se não quisermos regressar aos anos sessenta ou setenta do século passado, ou mesmo aos anos oitenta que eu ainda conheci como aluno. Estamos em todas as grandes redes europeias, temos protocolos de duplo grau com as principais escolas de refe-

rência do mundo, como o MIT, a CarnegieMellon University, a Universidade do Texas em Austin. O reconhecimento internacional do Técnico e não somos caso único no ensino superior português, é do melhor que existe. Os meus colegas estrangeiros perguntam-me frequentemente: 'mas como é que vocês conseguem...!?' em rigor não sei responder, mas seguramente porque trabalhamos mais... O problema não está identificado e não é dito claramente e isso prejudicaria seriamente o ensino superior.

O dinheiro pesa?

Seguramente. Os orçamentos do Técnico e das escolas de engenharia com quem competimos e com quem nos comparamos, que ocupam posições idênticas nos rankings internacionais, não são comparáveis. O orçamento da suíça EPFL é mais de cinco vezes superior ao nosso, o de Cambridge aí umas 12 vezes, das escolas americanas nem se fala, porque a desproporção é gigantesca. Mesmo assim, os nossos licenciados, mestres e doutores não têm pior formação, antes pelo contrário, diria eu. Qualquer um dos projetos que corre no Técnico não apresenta indicadores de execução piores ao da Politécnica da Catalunha ou de Milão, escolas muito próximas da nossa realidade, mas que têm orçamentos três vezes superiores. Apesar disso, nós conseguimos competir com eles – é uma coisa de que me orgulho muito, mas que é difícil.

O que falta no ensino superior português?

Falta, por exemplo, conseguirmos passar para a sociedade o orgulho de ter as escolas e as universidades que temos. Os ingleses orgulham-se de Cambridge, de Oxford, da Universidade de Surrey. É verdade que nos últimos 30 anos, houve uma mudança enorme. Entre os anos 80 em que me formei e o ponto em que estamos agora, não há comparação possível, graças ao trabalho de muita gente. Portugal teve a sorte de ter muitos ministros da Ciência e Tecnologia, como o atual, que eram investigadores e conheciam bem o problema e a temática. O professor Manuel Heitor, Mariano Gago, Graça Carvalho, o próprio ministro Nuno Crato, que conseguiram dar o pulo e pôr estas instituições numa posição diferente da que alguma vez foi. Mas também lhe digo que se o objetivo for continuar neste caminho, temos que olhar para o financiamento – para o valor absoluto que é o limiar da sobrevivência e para as regras que nos impedem de avançar ou dificultam tanto... Se até ao final do meu mandato conseguíssemos mudar isso, eu seria um homem feliz.

Com que sonha o presidente do Técnico?

Termos um dia um Prémio Nobel em Portugal na área das Ciências, da Física, da Astrofísica do Técnico. Temos que continuar a trabalhar para criar condições para que isso possa vir a acontecer, mas acredito que acontecerá. ■

MECENATO

Como ganhar uma bolsa para estudar ou melhorar competências

As Bolsas Santander Futuro abrem as portas do ensino superior a alunos com recursos económicos limitados, as Bolsas de Mobilidade impulsionam experiências lá fora. Já as bolsas de melhoria de 'skills' são uma ferramenta de emprego.

Almerinda Romeira
aromeira@jornaleconomico.pt

Uma bolsa de estudo pode mesmo fazer a diferença na vida de uma pessoa. Dar-lhe a oportunidade de frequentar o ensino superior, permitir-lhe estudar uns meses numa universidade estrangeira e abrir-lhe as portas do mercado de emprego. O Santander Universidades atribui bolsas que cumprem estes três objetivos: Bolsas Santander Futuro, Bolsas de Mobilidade – que incluem as Bolsas Santander Global e as Bolsas Santander Ibero-americanas – e bolsas de melhoria de *skills*.

As Bolsas Santander Futuro pretendem abrir o horizonte de alunos com recursos económicos limitados que estudam numa universidade ou instituto parceiro do Santander Universidades. O mérito escolar é um dos principais critérios, assim como a necessidade de apoio financeiro para prosseguir ou terminar o 1º e 2º ciclo do ensino superior. Entre os critérios de elegibilidade dos candidatos, inclui-se a situação de desemprego comprovado através de registo no Instituto do Emprego e Formação Profissional (IEFP) e estudar a mais de 50 Km de casa. As bolsas podem atingir mil euros.

Lançadas em 2019/2020, as Bolsas Santander Futuro mobilizaram no ano de arranque 13 instituições, tendo sido atribuídas cerca de 200. Os números cresceram na segunda edição para 28 instituições em todo o País, enquanto as bolsas disponíveis subiram quatro vezes. O investimento totalizou 550 mil euros. Este ano, com as dificuldades a aumentar em consequência da crise económica decorrente da Covid-19, as Santander Futuro poderão chegar às 1.500, segundo revelou Sofia Frère, diretora do Santander Universidades, ao JE Universidades.

No âmbito das Bolsas de Mobilidade, temos as Bolsas Santander Global, que funcionam como um complemento financeiro para estudantes com limitações económicas que sonham frequentar um programa, como o Erasmus e as Bolsas



Foto: caelha

Santander Ibero-americanas, que como o nome indica, são para países ibero-americanos. No concreto, ambas pretendem “incentivar os estudantes a experimentar uma vivência internacional, multicultural e em diferentes geografias e idiomas, enriquecendo o seu currículo académico e preparando-os melhor para um futuro pessoal e profissional que será inevitavelmente de maior proximidade entre pessoas de todo o mundo”.

O valor da Bolsa Santander Glo-

bal vai dos 500 aos 1000 euros, dependendo da condição de recursos. Além de terem de estar matriculados numa instituição de ensino superior beneficiária de mecenato do Santander e frequentarem uma licenciatura ou mestrado, são condições de elegibilidade o mérito escolar – demonstrando aproveitamento no ano académico anteriormente frequentado – e a nacionalidade portuguesa.

Sofia Frère revelou na primeira edição do JE Universidades, a “intenção de reforçar as Bolsas Santan-

der Global, que, no fundo, são complementares aos programas de mobilidade como o Erasmus, se o contexto da pandemia o permitir”.

No ano letivo 2019/2020, o Santander Universidades disponibilizou 210 Bolsas de Mobilidade para estudantes, professores e investigadores de Portugal em países ibero-americanos, num investimento superior a meio milhão de euros. Esta edição abrangeu 32 universidades e politécnicos nacionais, que, por esta via, fomentaram o intercâmbio de alunos,

docentes e investigadores entre instituições dos dois continentes. Só de Portugal, cerca de 2.000 estudantes já cruzaram o Atlântico, agarrando a oportunidade de uma experiência internacional. Este programa, único à escala global, abarca 10 países em que Grupo Santander está presente, somando anualmente mais de 3.000 bolsas atribuídas a estudantes de licenciatura e mestrado e 250 Bolsas Santander Investigação, num investimento anual superior a 10 milhões de euros.

As bolsas de melhoria de *skills* são uma ferramenta de Empregabilidade. Têm como objetivo o reforço de competências em áreas específicas, como o digital ou as línguas estrangeiras, de forma a contribuir para a integração na vida ativa dos formandos. Não se destinam apenas a universitários, são extensíveis a docentes, investigadores e empreendedores. “A aposta — explica Sofia Frère — naquilo que designamos por *upskilling*, no caso de uma melhoria de competências sociais, por exemplo, e *reskilling*, no caso da reformulação do conjunto de competências já adquiridas. Vamos também trabalhar em alguns projetos com empresas”.

Todas as oportunidades para bolsas do Santander são divulgadas nas instituições parceiras e nas plataformas digitais do banco, em: www.bolsas-santander.com e de empreendedorismo em www.santanderx.com. ■

AS BOLSAS DE MOBILIDADE PRETENDEM INCENTIVAR OS ESTUDANTES A EXPERIMENTAR UMA VIVÊNCIA INTERNACIONAL, MULTICULTURAL E EM DIFERENTES GEOGRAFIAS

FIGURA EM DESTAQUE



DO PORTO PARA O RIO DE JANEIRO

Esta bolsa mudou a minha vida...

É sempre possível concretizar os sonhos se os abraçarmos até se cumprirmos. Lisa Moutinho Teixeira frequentava o último ano do mestrado integrado em Medicina Veterinária do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar (ICBAS) quando agarrou uma oportunidade de ouro: descobrir o Brasil. “Sempre quis vivenciar outra cultura, acariciar a Natureza e poder relacionar-me com os animais selvagens e, de alguma forma, contribuir para o seu bem-estar”, conta ao JE Universidades.

Em agosto de 2019 foi selecionada pelo programa de Mobilidade da Universidade do Porto para realizar um semestre na Universidade Federal Fluminense, no Rio de Janeiro, o que lhe permitiu voar sem limites. “Esta experiência no outro lado do oceano foi crucial para a minha aprendizagem como pessoa, tanto pela cultura, como pelo contacto com as pessoas calorosas que andam de mãos dadas com o coração, mas também pelas araras, pelos macacos que muitas vezes me acompanhavam nos trilhos enquanto descobria esse reino maravilhoso”.

Como futura médica veterinária considera que foram profícuas a aprendizagem científica, a partilha de informação, a oportunidade de realizar unidades curriculares que não estavam incluídas no plano de estudos do curso em Portugal. Além das aulas, estagiou em dois hospitais veterinários universitários em áreas distintas: animais de companhia e animais silvestres, em que o objetivo era salvar vidas. “Uns animais voltavam com o seu dono para casa, outros voltavam para o mundo que é o seu lar”.

Lisa Moutinho Teixeira nasceu em Guimarães há 27 anos e soma duas licenciaturas. Antes da grande aspiração da sua vida, que é a Medicina Veterinária, formou-se em Ciências do Meio Aquático. Também no prestigiado ICBAS da cidade do Porto, pelo qual se apaixonou e nunca mais largou.

“Acima de tudo, toda esta experiência contribuiu para me tornar uma pessoa mais crescida, pronta para um futuro que se modifica constantemente e mais feliz”, diz-nos sobre esta experiência que definitivamente contribuiu para lhe largar o horizonte. AR

UNIVERSIDADE-EMPRESA

Soluções para a banca nascem no Técnico

Alunos da maior escola de engenharia desenvolveram ferramentas que estão a ser testadas no Santander em Lisboa. Os resultados ditarão o seu futuro.

Foi instalada no piso zero do edifício D do Santander Portugal na rua da Mesquita em Lisboa, que goza de ótima exposição solar. A caixinha móvel, equipada com vários sensores, dá corpo a uma sonda de diagnóstico que permite medir aspetos ao nível do ambiente e recolher dados de apoio à decisão que podem melhorar o conforto dos utilizadores deste espaço de trabalho.

O projeto, desenvolvido por dois alunos de doutoramento do Instituto Superior Técnico – João Ribeiro, de Engenharia e Gestão, e Rui Silva, de Engenharia Informática – dá pelo nome de SensEfficiency e foi um dos quatro finalistas do TecInnov Santander Innovators Challenge 2020, um exemplo da relação entre a Universidade e a Empresa, com resultados práticos.

Pedro Simões, engenheiro, responsável de Obras e Manutenção do Santander Portugal, é o tutor e, no final, analisará os resultados com os alunos. Para já, todas as possibilidades estão em aberto, como salienta João Ribeiro: “Vai depender muito desse *feedback* que vamos ter e depois quem sabe... continuar no futuro esta experiência”.

O TecInnov Santander Innovators Challenge 2020 desafiou a comunidade académica a desenvolver

projectos que resolvessem problemas específicos da banca. Os temas foram especialmente pensados para o universo do Técnico e os estudantes não desiludiram. Além de SensEfficiency foram selecionados para passar à fase de implementação: Consumer Experience 4.0, ParQ e Alloci. Os quatro projectos partilham a visão de futuro e a inovação.

A equipa de Consumer Experience 4.0 recorreu a técnicas de *deep learning* e inteligência artificial para

criar um sistema que permite medir e avaliar o comportamento dos clientes no interior de um balcão: quanto tempo ficam, por exemplo, no interior da sucursal ou quais as zonas onde passam mais tempo.

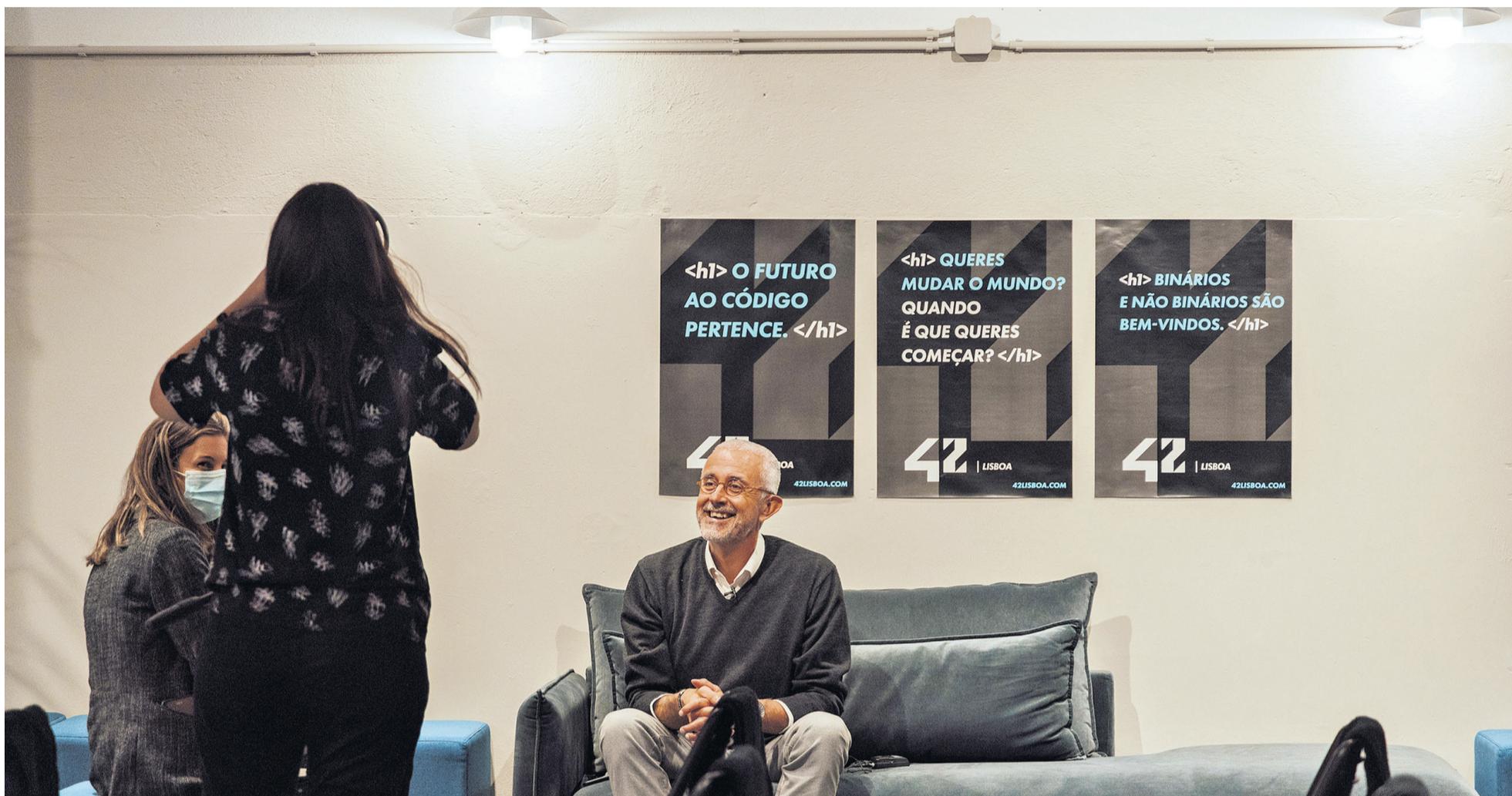
O grupo de alunos que encabeçou o projecto ParQ deu vida a uma plataforma que permite gerir os lugares de estacionamento, aumentar a rotatividade dos mesmos e maximizar a taxa de ocupação, e simplificar todo o processo de reserva.

Já os autores de Alloci chamaram a si a resolução do problema da variabilidade na perceção de conforto térmico dos colaboradores do banco. Para isso desenvolveram sensores que medem a oscilação da temperatura nos vários espaços e uma plataforma para que possam reportar esse desconforto. A conjugação dos dados na plataforma permitirá ao gestor do edifício adequar os sítios de trabalho e os sistemas de climatização ao conforto dos colaboradores.

Fernando Vieira, gestor de Talento do Santander Portugal, destaca o nível do Técnico em termos de dotação de competências técnicas. Por seu turno, os alunos manifestam disponibilidade para continuar os projetos com o Santander e até ‘transportá-los’ para o mercado e outras áreas de atividade. ■ AR

PROJECTOS QUE SOBRESSAÍRAM NO TECINNOV SANTANDER INNOVATORS CHALLENGE 2020: SENSEFFICIENCY, PARQ, ALLOCI E CONSUMER EXPERIENCE 4.0





ESCOLA DE PROGRAMAÇÃO

Primeiro curso da 42 Lisboa arranca daqui a um mês

Almerinda Romeira
aromeira@jornaleconomico.pt

Um patologista para quem a inteligência artificial e as novas tecnologias vão escrever o futuro da Patologia Clínica, e um médico que vê na ciência de dados um papel fundamental na prevenção da diabetes entraram na corrida por uma vaga no primeiro curso da 42 de Lisboa, a escola de programação de vanguarda, gratuita, dirigida pelo professor universitário Pedro Santa Clara.

“Em todas as ‘Piscines’ houve um candidato que é médico”, diz Mafalda Sousa Guedes, responsável pelo programa de estudos da 42 Lisboa, ao JE Universidades, adiantando que a escola está aberta a todos independentemente da área de formação de base. A lista dos que a procuraram inclui uma grande variedade de profissionais em processo de *upskilling* e *reskilling*, mas também muitos jovens a acabar o secundário e alunos do ensino superior. As idades situam-se

entre os 17 e os 61, com a média a fixar-se nos 25, não tendo 60% do total qualquer experiência com programação. Além de médicos, buscaram uma oportunidade no primeiro curso da 42 Lisboa: consultores, designers, engenheiros, arquitetos, pasteleiros, cozinheiros, bartenders, motoristas, *personal trainers* e pilotos.

Os portugueses representam, naturalmente, o maior número de candidatos – 80% –, mas importa também destacar os brasileiros, responsáveis por 15% das candidaturas. Os restantes 5% provêm de países como França, Reino Unido, Bulgária, Israel, Itália e Espanha, entre outros.

A ‘Piscine’ é o nome dado à última fase do programa de seleção e consiste num *bootcamp* de 26 dias, muito intensivo, que permite aos candidatos experimentar o método da 42, começar a desenvolver conhecimentos na área da programação e perceber se este é o mais indicado para si, antes de assumirem um compromisso de longo prazo. Quem completa a ‘Piscine’ entra no curso, que leva em média três anos e meio a

realizar. A primeira edição arranca no próximo dia 8 de fevereiro com cerca de 160 alunos, dos quais 110 já estão encontrados. A restante meia centena sairá da ‘Piscine’ que decorre neste momento.

A Escola 42 tem mais de 30 campi numa vintena de países. Em Lisboa, foi lançada a 27 de julho e, desde então, recebeu 9.800 candidaturas de pessoas entre os 17 e os 74 anos. Muitos não avançaram, mas outros, tendo chegado à ‘Piscine’ desistiram. Normal. “A taxa de desistência ronda os 30%”, diz Mafalda Sousa Guedes, explicando que a vantagem é que isto acontece ainda no decurso do processo de seleção e não durante o curso, como no ensino superior. Eventuais erros de casting ficam desfeitos à partida.

A segunda edição do curso arranca em outubro de 2021 e as candidaturas estão abertas – em rigor, nunca encerram, visto tratar-se de um processo contínuo. A ‘Piscine’ decorre em julho, agosto e setembro e já estão inscritos 70 candidatos.

A 42 Lisboa ocupa os três pisos

de uma antiga tipografia na Rua Neves Ferreira, na freguesia de Penha de França. Sem professores nem horários, a escola tem como eixo dorsal uma plataforma tecnológica usada no campus, uma vez que o programa é feito presencialmente. “É o reconhecimento de que aprender é uma experiência social e que a colaboração entre as pessoas é fundamental no processo de aprendizagem. Na 42 usamos muita tecnologia para tornar a experiência presencial muito melhor do que numa escola tradicional”, afirmou Pedro Santa Clara ao Jornal Económico.

O projeto é totalmente financiado por mecenas. A meta para os primeiros cinco anos são 7,5 milhões de euros, dos quais 80% já estão assegurados, adianta Mafalda Sousa Guedes ao JE Universidades. Aos parceiros fundadores – Banco Santander, Fidelidade, Vanguard Properties e Ming C. Hsu – juntaram-se, entretanto, a BI4ALL, Mercedes-Benz.io, Observador, BA Glass, DST Group e Huawei. A Fundação José Neves é Educational Partner. ■

ESCOLA GRATUITA PARA ALUNOS É TOTALMENTE FINANCIADA POR MECENAS. DOS 7,5 MILHÕES DE EUROS PARA OS PRÓXIMOS CINCO ANOS, 80% ESTÃO JÁ ASSEGURADOS